

GERIR A CRIATIVIDADE

Quem deverá gerir os destinos de um museu de arte: um gestor ou um artista? Há um meio-termo...

Luís Madureira

Desenganam-se aqueles que pensam que a gestão de instituições culturais é matéria exclusiva das matemáticas, da economia e da gestão pura. Um gestor de empresa, gere companhias. Um gestor cultural lida com a intemporalidade do legado e dos artificios criativos das sociedades mundiais, das suas relações com os cidadãos do presente.

O que são gestores culturais e onde estão eles? Em Portugal, existe uma entidade criada em 2001, que tem agregado ideias, pessoas e saber acumulado em torno das questões da administração de museus, bibliotecas, centros culturais, teatros, etc. Dá pelo nome de Associação Portuguesa de Gestão Cultural (APGC) e é relativamente desconhecida do grande público e do meio empresarial. Com sede no Porto, a APGC é liderada por António Jorge Monteiro, um homem que já fez praticamente tudo na vida, do teatro à arquitectura, passando pelas obras públicas, sistemas de informação ou docência.

Enérgico, falador e conhecedor das dinâmicas institucionais, António Jorge Monteiro tem ideias claras sobre, por exemplo, a alocação de 1% do PIB para a cultura, uma promessa do governo chefiado por José Sócrates.

«A gestão é uma arte, uma profissão, uma actividade. A gestão cultural é uma adaptação das ferramentas clássicas às actividades culturais e presume uma visão trisegmentada: património, artes e indústria», explica.

«Há um défice de consciência

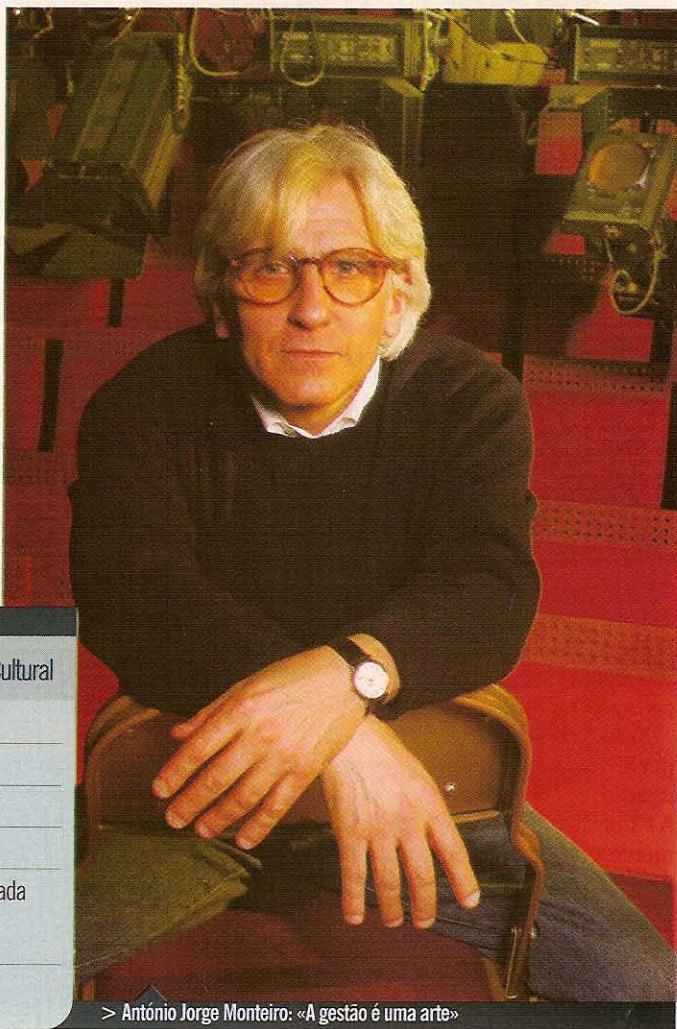
em relação à proveniência dos subsídios. Eles devem existir, mas entendo que não há publicitação devida das contas das entidades culturais. Não há um agradecimento público ao contribuinte, através da informação acerca dos eventos prestados à comunidade», exemplifica.

Actualmente, coordena um projecto único no País, ao nível da formação superior avançada da gestão cultural. A pós-graduação em Gestão Cultural começou na Associação Empresarial

de Portugal, passou pela Escola de Gestão do Porto e regressou à AEP. António Jorge Monteiro montou também uma iniciativa idêntica na Universidade Lusófona.

O agora docente é um defensor do mecenato. «O sector cultural é indissociável dos apoios do Estado. Contudo, as instituições culturais deveriam olhar mais para o mecenato e para os patrocínios, até porque a lei é boa», afirma. António Jorge Monteiro é imparcial. Se por um lado, como amante das artes e da cultura, defende a sua «dama», por outro lado defende que se instituiu a ideia de que «se há subsídios faz-se o espectáculo, se não há não se faz. Isto não é sério», sustenta.

Em Portugal, os lugares de topo dos principais equipamentos culturais são habitualmente considerados cargos de confiança política. E, segundo o presidente da APGC, as direcções de teatros e museus são, hoje em dia, lugares para «políticos e financeiros». Pelo menos, costuma ser assim. De legislatura em legislatura. **P**



BILHETE DE IDENTIDADE

Associação Portuguesa de Gestão Cultural

Fundação: 2001

Sede: Porto

Presidente: António Jorge Monteiro

Associados: Cerca de 40

Formação: Curso de formação avançada e pós-graduação em Gestão Cultural (Porto e Lisboa)

Web: www.gestaocultural.com

> António Jorge Monteiro: «A gestão é uma arte»